

A recirculação do acontecimento jornalístico em imagens remixadas: Cibercultura e apropriações¹

 Gabriela da Silva Zago²

Resumo

O trabalho discute a recirculação do acontecimento jornalístico na forma de imagens remixadas, compostas a partir da mistura entre imagens relacionadas ao acontecimento jornalístico com imagens do cenário cultural ou ligadas a outros acontecimentos. A partir do emprego do método de análise de conteúdo, o estudo, de caráter exploratório, busca situar a atividade de combinação dessas imagens por parte dos interagentes como uma forma de apropriação, típica de um cenário de cibercultura *remix*.

Palavras-chave: Jornalismo; cibercultura; *remix*; apropriações

Resumen

El artículo discute la recirculación del acontecimiento periodístico en forma de imágenes remezcladas, compuestas de la mezcla de imágenes relacionadas con el acontecimiento periodístico a imágenes del escenario cultural o de otro tipo. Desde el uso del método de análisis de contenido, el estudio, de carácter exploratorio, trata de situar la actividad de combinación de estas imágenes por los interactores como una forma de apropiación, típica de un escenario de cibercultura *remix*.

Palabras clave: Periodismo; cibercultura; *remix*; apropiaciones

Abstract

The paper discusses the recirculation of a news event in the form of remixed pictures, composed by the mixing between pictures related to the news event with pictures from the cultural setting or linked to other news events. We used content analysis as a method and the study, exploratory in nature, aims to situate the activity of recombining those pictures as a form of appropriation, typical of a cyberculture *remix* scenario.

Keywords: Journalism; cyberculture; *remix*; appropriation

¹Uma versão preliminar do presente artigo foi apresentada no VI Simpósio Nacional da ABCiber, realizado em novembro de 2012 na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS.

²Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora do curso de Design Digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).
E-mail: gabrielaz@gmail.com

Introdução

Nos últimos anos, a relação do jornalismo com suas audiências tem sofrido modificações. Se antes era possível demarcar claramente os papéis de emissor e receptor de notícias, com a internet as fronteiras entre produção, circulação e consumo se tornam cada vez mais borradas. Um “leitor” pode tanto apenas ler uma notícia como também comentar, fazer circular, ou até mesmo criar algo novo a partir da combinação da notícia com outros elementos. Essa mudança no comportamento das audiências guarda relação com o contexto mais amplo da cibercultura, a partir da superação das barreiras cognitivas e tecnológicas de acesso às ferramentas de produção. Com isso, as audiências podem trazer contribuições ao processo jornalístico ao incluir camadas de significação ao acontecimento jornalístico, combinando elementos para informar, criticar, e até para produzir humor a partir de uma notícia.

Diante desse cenário, o presente trabalho discute a recirculação do acontecimento jornalístico na forma de imagens remixadas, compostas a partir da mistura entre imagens relacionadas ao acontecimento jornalístico com imagens do cenário cultural ou ligadas a outros acontecimentos. A reflexão é baseada no estudo de dois casos relacionados ao prefeito da cidade de Porto Alegre, RS, José Fortunati.

A partir do emprego da técnica de análise de conteúdo, o estudo, de caráter exploratório, busca situar a atividade de combinação dessas imagens por parte dos interagentes como uma forma de apropriação, típica de um cenário de cibercultura remix.

Do acontecimento à recirculação jornalística

O jornalismo pode ser entendido como um processo constituído de etapas, a partir das quais um acontecimento – algo que acontece no mundo que foge da normalidade e adquire visibilidade (RODRIGUES, 1996) – é processado e distribuído para um público consumidor. Ao servir como ponto de partida para o jornalismo, o acontecimento transforma-se em acontecimento jornalístico. Nesse sentido, para Berger & Tavares (2009, p. 2), o acontecimento jornalístico “está na vida cotidiana, como objeto de referência, matéria-prima para os relatos do mundo da vida”.

Para Machado & Palacios (2007), as etapas do processo jornalístico compreenderiam apuração, produção, circulação e consumo. Assim, em um primeiro momento reúne-se material suficiente, contatam-se fontes e verificam-se informações, o que compreende a etapa de apuração. A seguir, tem-se a etapa de produção, na qual a notícia é produzida e editada em formatos variados. Em seguida, ela é posta em circulação nos diferentes suportes nos quais o jornal que a produz atua. A partir do acesso a esses diferentes suportes, a informação pode ser lida, vista, assistida, enfim, consumida pelo público em geral.

Apesar de poder ser apresentado de forma linear, o processo jornalístico não compreende fases estanques, que se sucedem linearmente no tempo.

Tratam-se, na verdade, de etapas que muitas vezes se sobrepõem e se complementam (SILVA JR., 2008). Assim, ainda que o processo em tese finalize com o consumo da notícia, ele pode continuar, com o acontecimento sendo posto novamente em circulação pelas mãos dos interagentes, que filtram e comentam a notícia originalmente posta em circulação pelos veículos. A recirculação seria, assim, uma subetapa potencial da circulação jornalística, na medida em que a etapa de circulação pode continuar, através de espaços públicos mediados, após o consumo (ZAGO, 2011). Muitas vezes, os próprios veículos jornalísticos referendam essa recirculação, ao noticiarem que determinado assunto “repercutiu” ou “foi bastante discutido” em *sites* de redes sociais.

Essa recirculação pode se dar em diversos espaços, até mesmo em trocas interpessoais. Desde os primórdios da imprensa escrita, as pessoas comentavam entre si sobre as notícias, de forma oral. Os próprios veículos impressos costumam ter espaços em que essa recirculação pode se manifestar, como nas cartas, ou em espaços para artigos de opinião de leitores. Para passar adiante um conteúdo, recortes de notícias podiam ser copiados para ser distribuídos entre amigos e familiares.

A internet trouxe novos lugares para essa prática, ao possibilitar a criação de *sites* dedicados à crítica da mídia e de *blogs* voltados para reproduzir e comentar notícias. Nesse contexto, os *sites* de redes sociais constituem espaços propícios para se observar essa recirculação jornalística, na medida em que, por se tratar de espaços públicos mediados, permitem rastrear reproduções e comentários sobre acontecimentos jornalísticos. Assim, o diferencial, por conta dos espaços públicos mediados da internet, é que essas trocas entre indivíduos cada vez mais ficam disponíveis *on-line*, podendo ser recuperadas por audiências invisíveis (BOYD, 2007).

A recirculação jornalística (ZAGO, 2011) pode ser considerada como uma modalidade de participação do público no jornalismo, na medida em que envolve a colocação em circulação novamente do acontecimento jornalístico, a partir das apropriações dos interagentes, que utilizam espaços como os *sites* de redes sociais para filtrar e comentar notícias. Nesse contexto, o leitor é considerado como um interagente (PRIMO, 2007), que não só consome o conteúdo como também toma parte no mesmo ao interagir com aquilo que consome – seja compartilhando, seja curtindo, seja retuitando, seja reagindo a conteúdos postados por outrem. Uma das formas de participação do público no processo jornalístico é através da recombinação e recirculação de imagens.

Imagens e jornalismo

Santaella (2007, p. 354) fala em domínios da imagem – imagens mentais, imagens diretamente perceptíveis e imagens como representações visuais. Dentre todas as formas de imagens, Aumont (1993) se foca no terceiro tipo – as imagens visuais, aquelas que possuem forma visível. Para o autor, as imagens são feitas para ser vistas, por isso se dá destaque ao órgão da

visão. Mas esse órgão não é um instrumento neutro, e por isso convém estudar também o espectador, com seus saberes, afetos e crenças. Assim, para o autor, com base em seu repertório pessoal, o espectador coloca a imagem em um determinado contexto. Em sentido semelhante, para Joly (2007, p. 13), a imagem só ganha sentido a partir do contato com um sujeito, na medida em que

designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece.

Ambos os autores destacam uma espécie de papel projetivo da imagem – ou seja, aquilo que o espectador preenche com os elementos da imagem e o contexto, e que vai além do que está representado graficamente.

A imagem jornalística se insere no terceiro domínio da imagem, das imagens como representações visuais, tanto na forma de fotografia quanto na forma infográfica. As imagens jornalísticas, por serem abertas, normalmente vão estar ancoradas no texto que as acompanham, como um elemento de credibilidade (GRUSZYNSKI; LINDEMANN, 2011). O texto nos diz o que olhar da imagem.

Para Arnheim (1969 apud AUMONT, 1993), uma imagem pode ter valor de representação, valor simbólico e valor de signo. Mesmo uma imagem representativa, que representa coisas concretas, ao circular bastante pode vir a adquirir um valor simbólico, ou seja, que representa coisas abstratas. O valor de signo está associado a convenções culturais, como no caso de placas de sinalização de trânsito, em que há uma relação arbitrária entre a placa e sua significação. As imagens podem exercer, ainda, três funções, a partir do modo como estabelecem relações com o mundo: modo simbólico, ao estarem associadas a determinados valores; modo epistêmico, ao trazerem informações visuais sobre o mundo; e modo estético, na medida em que se destinam a agradar o espectador (ARNHEIM, 1969 apud AUMONT, 1993, p. 80). Esses valores e funções são apreendidos pelo espectador, ao situar a imagem em um contexto.

No âmbito da internet, a imagem jornalística pode tanto circular por canais tradicionais (*site* do *webjournal*, por exemplo, acompanhando uma notícia ou em galerias de fotos), quanto ser posta em circulação, pelos interagentes, muitas vezes desprendidas de seu contexto original (como ao fazer circular a imagem, de forma isolada, num *site* de redes sociais). Essas imagens também podem ser combinadas para gerar novas significações e vir a exercer novas funções. Uma das formas pelas quais essas imagens podem ser ressignificadas é através da fotomontagem.

No campo da arte, a fotomontagem aparece como colagens e justaposições em movimentos como dadaísmo e surrealismo. Ribeiro (1993, p.2) descreve o processo de fotomontagem como a “associação de fotografias ou elementos de fotografias diferentes numa só, com o intenção de criar uma significação diferente”. Nesse sentido, para o autor, a fotomontagem seria similar à montagem no cinema, exceto pela ausência da dimensão temporal/sequencial inerente à montagem cinematográfica.

Assim, pela circulação, a imagem pode adquirir novos significados.

A combinação de elementos, como na fotomontagem, nada mais faz do que registrar esses novos significados e possibilitar que a imagem circule já de forma ressignificada. Desse modo, no contexto dos espaços públicos mediados, como blogs, fóruns e *sites* de redes sociais, as imagens podem ser remixadas, re combinadas e postas em recirculação, muitas vezes desprendidas de seus contextos originais.

Cibercultura *remix* e apropriações

Para Lemos (2005, p.1), o princípio que rege a cibercultura é a remixagem, um “conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, *cut-up* de informação a partir das tecnologias digitais”. A combinação das tecnologias com esses novos processos comunicacionais daria lugar a uma nova configuração cultural que o autor chama de cibercultura *remix*: “Por *remix* compreendemos as possibilidades de apropriação, desvios e criação livre a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea” (LEMOS, 2005, p.2).

Na essência, o *remix* é uma forma de colagem (LESSIG, 2008). A colagem é uma técnica associada a atividades manuais e à arte, como nos casos dos trabalhos de Max Ernst a partir de 1919, que criava figuras híbridas a partir da combinação de elementos diversos. Para Leão (2012, p.8), “a técnica desenvolvida por Ernst revela um esforço no sentido de ocultar a distinção dos elementos colados, criando uma imagem única, integrada”, um dos princípios que regem as imagens híbridas contemporâneas.

O *remix* pode ser compreendido como um procedimento criativo que envolve escolhas conscientes de recombinação (LEÃO, 2012). Nesse sentido, “Cada fragmento escolhido para um *remix* carrega consigo seus vínculos culturais, imagéticos e imaginários.” (LEÃO, 2012, p.11-12). Somente assim, conforme a autora, pode-se pensar o *remix* como uma linguagem, e não apenas como um procedimento tecnológico de justaposição de elementos.

A ideia de *remix* não seria exclusiva do ambiente digital. Para Manovich (2007, *on-line*, tradução nossa), “Hoje, muitos setores de nossa cultura e estilo de vida – música, moda, *design*, arte, aplicações *web*, conteúdo criado por usuários, alimentação – são guiados por remixes, fusões, colagens, ou *mashups*”. Inicialmente, o termo *remix* era usado para descrever a combinação de duas ou mais músicas. Posteriormente, passou a ser aplicado nos mais diversos setores, como no caso da arte (BASTOS, 2007) e do audiovisual (SOARES, 2005).

No contexto da cultura, o *remix* estaria associado a hibridismo e a variações sobre um mesmo tema (SOARES, 2005). Ainda que a prática de *remix* esteja associada à colagem, para Bastos (2007) as práticas seriam distintas. O autor usa a metáfora de uma salada de frutas e de uma vitamina para ilustrar a distinção: enquanto na salada de frutas (na colagem) podemos identificar cada fruta que compõe o todo, na vitamina (no *remix*), após a mistura, não é possível detectar claramente os elementos que a compõem. O *remix* poderia ser visto, assim, como uma prática cultural que deixa marcas estéticas nos processos, resultando em produtos distintos da soma das partes que o compõem.

Para Lemos (2005, p.1), a cibercultura se caracteriza por três leis fundadoras, as quais norteiam os processos de remixagem: “a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais”.

A internet, nesse sentido, abre possibilidades de recriações a partir de conteúdos disponibilizados em rede. Essas recriações partem de uma apropriação do conteúdo, que é reconfigurado e remixado para fazer servir a um novo propósito, como no caso de combinar duas ou mais imagens para gerar um efeito de humor. Ao lado do desvio e da despesa improdutivo, a apropriação está na essência da cibercultura e corresponde aos usos criativos dados pelos usuários, muitas vezes diversos da proposta original dos sistemas (LEMOS, 2001). Da mesma forma, um usuário pode se apropriar de conteúdos disponibilizados na rede e realizar novas criações a partir dos mesmos, produzindo remixes.

O remix pode ser considerado como uma forma de apropriação, na medida em que o interagente parte de um conteúdo prévio e acrescenta suas marcas, para colocá-lo novamente em circulação sob outra roupagem. Com isso, tem-se um novo desdobramento: “a diluição da autoria, processo no qual a recombinação e modificação de fragmentos para criar um novo conteúdo retira o produto de seu contexto original, dando-lhe um outro sentido e, portanto, uma nova autoria” (NOBRE; NICOLAU, 2010, p.1)

No âmbito das imagens na internet, exemplos de remixes incluem as sucessivas paródias à cena do filme “A Queda”³, e a colagem de imagens, na forma de montagens estáticas e de GIFs animados⁴. O *site* Canvas⁵, por exemplo, dedica-se exclusivamente à postagem de remixes de imagens. Da mesma forma que a recirculação, o remix cultural não é uma prática nova – apenas é potencializada pelas redes digitais, que facilitam o acesso às ferramentas de produção e circulação dessas produções.

No contexto do jornalismo, o remix aparece principalmente nas criações do público. Para Russell (2011), o remix pode ser percebido nos *sites* de notícias satíricas (no Brasil, em *sites* como Sensacionalista⁶ e Diário Pernambucano⁷), na medida em que esses espaços se utilizam do *ethos* jornalístico e de elementos de notícias reais para produzir conteúdos humorísticos. Para Mancini (2011), criar produtos jornalísticos facilmente compartilháveis e remixáveis seria essencial para o futuro do jornalismo – o qual, para o autor, deve investir cada vez mais na experiência do usuário no contexto do consumo.

Imagens relacionadas a acontecimentos jornalísticos podem ser justapostas a outros tipos de imagens para se produzir efeito de humor, como uma forma de imagem remixada, como veremos a partir de dois exemplos descritos a seguir.

Procedimentos metodológicos

O trabalho analisa a recirculação jornalística na forma de imagens remixadas de dois acontecimentos jornalísticos relacionados ao prefeito de Porto Alegre, RS, José Fortunati. O primeiro acontecimento diz respeito à inauguração da ciclovia da Avenida Ipiranga em Porto Alegre, no dia 07 de maio de 2012. Ainda que a

³ “Um tirano de piada”, *Veja*, 17 mar. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/170310/tirano-piada-p-131.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

⁴ Que fazem sucesso em *sites* como 9gag (<http://9gag.com>) e Tumblr (<http://tumblr.com>).

⁵ <http://canv.as/>

⁶ <http://www.sensacionalista.com.br>

⁷ <http://www.diariopernambucano.com.br>

“Ciclovia da Ipiranga: primeiro trecho entregue à comunidade”, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 07 maio 2012. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=151688&CICLOVIA+DA+IPIRANGA:+PRIMEIRO+TRECHO+ENTREGUE+A+COMUNIDADE>. Acesso em: 25 jul. 2012.

notícia por si só já contivesse elementos de humor (a inauguração se refere a um trecho de 416 metros, o equivalente a 4,4% do total a ser entregue, 9,4km), a imagem que chamou a atenção, e foi remixada nas redes sociais, mostra o prefeito José Fortunati trafegando de bicicleta na contramão no trecho inaugurado da ciclovia. A foto foi distribuída pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Porto Alegre⁸ e foi exibida em diversos jornais⁹.



Figura 1. Foto oficial da inauguração da ciclovia de Porto Alegre em 07 de maio de 2012. Créditos: Cristine Rochol/PMPA

O segundo acontecimento foi originalmente relatado pela jornalista Rosane de Oliveira em seu *blog*¹⁰. Trata-se de uma foto (o próprio acontecimento se dá pelo fato de ter sido possível captar uma imagem) do prefeito José Fortunati e sua esposa tentando resgatar uma galinha que estaria no meio da rua no centro de Porto Alegre no dia 04 de junho de 2012. A cena virou motivo de piada nas redes sociais, tanto pelo inusitado do acontecimento (o prefeito de uma cidade tentar salvar uma galinha) quanto pelo próprio teor da imagem.



Figura 2. Foto do prefeito José Fortunati e sua esposa tentando resgatar uma galinha no dia 04 de junho de 2012. Créditos: Adriana Franciosi/Blog da Rosane de Oliveira

⁸ “Ciclovias da Ipiranga: primeiro trecho entregue à comunidade”, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 07 maio 2012. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=151688&CICLOVIA+DA+IPIRANGA:+PRIMEIRO+TRECHO+ENTREGUE+A+COMUNIDADE>. Acesso em: 25 jul. 2012.

⁹ Como, por exemplo, no Sul21, e no G1. “Prefeitura de Porto Alegre inaugura primeiro trecho da ciclovia da Ipiranga”, Sul21, 07 maio 2012. Disponível em: <<http://sul21.com.br/jornal/2012/05/prefeitura-de-porto-alegre-inaugura-primeiro-trecho-de-ciclovias-na-hipiranga/>>. Acesso em: 10 jul. 2012. “Prefeitura de Porto Alegre libera trecho de ciclovia na Avenida Ipiranga”, G1, 07 maio 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/05/prefeitura-de-porto-alegre-libera-trecho-de-ciclovias-da-avenida-hipiranga.html>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

¹⁰ “O resgate da galinha”, Blog da Rosane de Oliveira, 05 jun. 2012. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/rosanedeoliveira/2012/06/05/o-resgate-da-galinha/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

Em ambos os casos, foram criadas páginas no Tumblr¹¹ para reunir as composições dos interagentes a partir da sobreposição da imagem do prefeito (trafegando na contramão, ou segurando a galinha) em outras imagens, relacionadas ou não aos casos. A combinação era feita, principalmente, a partir da sobreposição da imagem recortada sobre uma nova imagem¹².



Figura 3. Imagens recortadas de José Fortunati na contramão e segurando a galinha. Fonte: Tumblr Fortunati na Contramão e *blog O Grito do Bicho*¹³.

Também nos dois casos foi possível observar notícias em veículos jornalísticos atestando a recirculação jornalística das imagens remixadas, como no caso do portal Terra, que noticiou ambos os casos¹⁴.

O trabalho procura analisar uma parte desse material criado pelos interagentes, observando as combinações realizadas, para, a partir disso, traçar considerações sobre o papel dos interagentes na recirculação jornalística de imagens remixadas relacionadas a acontecimentos jornalísticos.

O recorte do trabalho compreende as imagens disponibilizadas no Tumblr referente a cada acontecimento. O Tumblr “Fortunati na contramão” trazia 109 imagens, ao passo que o Tumblr de “Fortunati e a galinha” continha 20 imagens. A diferença na quantidade de imagens pode ser explicada pelo fato de que o Tumblr Fortunati na contramão explicitamente pedia colaborações de outros interagentes¹⁵, inclusive disponibilizando acesso fácil à imagem sem fundo (Figura 3), ao passo que o Tumblr Fortunati e a galinha não realizava tal pedido nem facilitava o acesso à imagem já recortada (ainda que tenha recebido contribuições de outros interagentes).

A partir da técnica de análise de conteúdo, os seguintes dados foram coletados: contexto, presença de legenda, relação com outros acontecimentos, tipo de colagem (explícita ou sutil) e posição e tamanho¹⁶ da imagem colada. O contexto e os acontecimentos relacionados foram recuperados através da ferramenta de busca por imagens similares do Google Imagens¹⁷, que permite buscar imagens similares a partir da colocação da URL de uma imagem preexistente. Assim, colocou-se a URL da imagem remixada para tentar recuperar a imagem original, sem a colagem, e, a partir daí, poder recuperar o contexto da montagem.

¹¹ Respectivamente, <http://fortunatinacontrao.tumblr.com/> e <http://fortunatieagalinho.tumblr.com/>

¹² Também foram observados casos em que elementos recortados foram acrescentados à imagem original, conforme se verá adiante.

¹³ <http://fortunatinacontrao.tumblr.com/post/22651886930/vamos-esclarecerrrrrr> e <http://www.ogritodobicho.com/2012/06/prefeito-de-porto-alegre-conta-como.html>

¹⁴ <http://tecnologia.terra.com.br/fotos/0,,OI199659-EI12879,00-Porto+Alegre+prefeito+anda+na+contrao+em+ciclovio+e+vira+piada.html> e <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5815116-EI12884,00-Prefeito+de+Porto+Alegre+salva+galinha+e+vira+brincadeira+na+web.html>

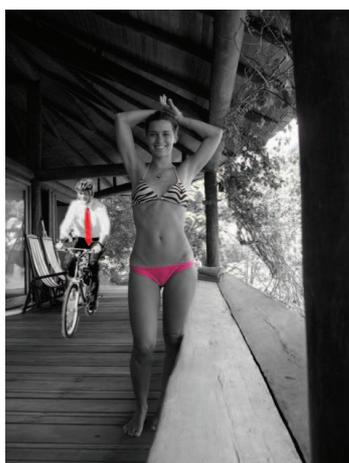
¹⁵ <http://fortunatinacontrao.tumblr.com/post/22608824389/faca-tambem-seu-fortunati-na-contrao>

¹⁶ Quanto ao tamanho, as colagens foram classificadas em pequena, média ou grande, conforme a imagem colada representasse ¼, metade, ou mais da metade da altura total da imagem de fundo.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=ii>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

Resultados e discussão

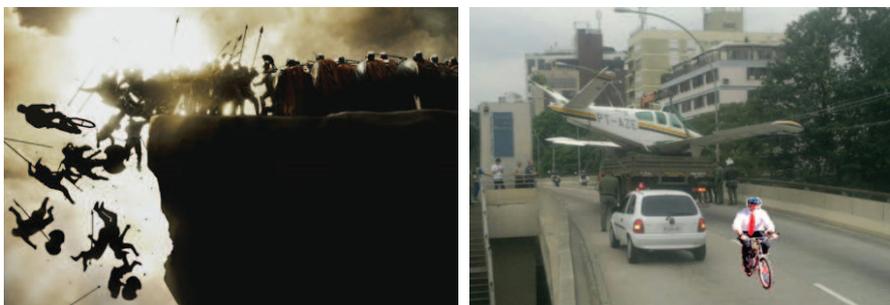
Quanto ao contexto, das 109 imagens relacionadas a Fortunati na contramão, 26 buscavam relacionar a outros acontecimentos jornalísticos temporalmente próximos, ocorridos pouco antes ou logo após a inauguração da ciclovia (como na Figura 5), 24 procuravam relacionar a cenas de filmes ou a cartazes de filmes (Figura 4), 10 buscavam relacionar a imagem a cenas de games, 8 associavam a esportes (Figura 6), 6 combinavam a imagem de Fortunati na contramão com lugares específicos, e as demais 35 imagens relacionavam o prefeito na contramão a outros contextos, como a vídeos virais, obras de arte, capas de CD, e outros. Dentre as 20 imagens relacionadas a Fortunati e a galinha, os contextos eram mais variados, com 5 imagens relacionadas a esportes (como na Figura 7) e 1 imagem que buscava relacionar Fortunati e a galinha com a ciclovia da Avenida Ipiranga (Figura 8), dentre outras combinações (como na Figura 9).



Figuras 4 e 5. No primeiro exemplo, a imagem de Fortunati na contramão é sobreposta ao cartaz do filme italiano *Ladrão de bicicletas* (Créditos da montagem: Laura Andrade). No segundo exemplo, Fortunati na contramão é relacionado a um acontecimento jornalístico temporalmente próximo (o vazamento de fotos sensuais da atriz Carolina Dieckmann, ocorrido em 06 de maio de 2012) (Créditos da montagem: Guilherme Petry)

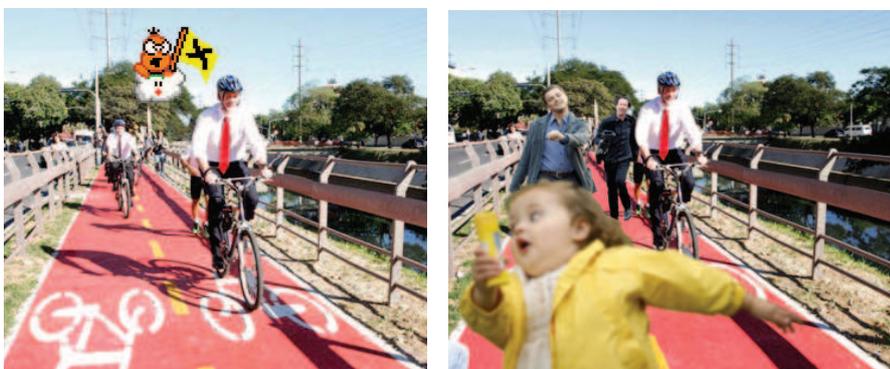


Figuras 6 e 7. No primeiro exemplo, Fortunati trafega na contramão das demais bicicletas no Tour de France (Créditos da montagem: Mario Terrazas). No segundo exemplo, Fortunati e a galinha aparecem diante de um jogador de futebol prestes a fazer um chute (Montagem sem atribuição de créditos).



Figuras 10 e 11. Exemplos de colagem sutil e colagem explícita. No primeiro caso, a imagem de Fortunati de bicicleta é acrescentada, de forma sutil, à cena clássica do seriado Spartacus (Créditos da montagem: @df_farias). No segundo exemplo, a imagem é acrescentada, de forma explícita, à foto relacionada a outro acontecimento jornalístico temporal e fisicamente próximo: o transporte por via terrestre de um avião da Brigada Militar pelas ruas de Porto Alegre, ocorrido em 11 de maio de 2012 (Créditos da montagem: @saraluz).

Quanto à posição e ao tamanho da colagem, Fortunati e a galinha teve 4 colagens por cima da imagem original, 7 inserções centrais (1 pequena, 1 média e 5 grandes), 3 inserções na lateral direita (1 média e 2 grandes) e 6 inserções na lateral esquerda (2 médias e 4 grandes). Já Fortunati na contramão teve 5 colagens por cima (como nas Figuras 12 e 13), 44 inserções na direita (19 pequenas, 15 médias e 10 grandes), 29 na esquerda (10 pequenas, 12 médias, 7 grandes), e 27 centrais (14 pequenas, 9 médias, 4 grandes). Nota-se a preferência por inserir a imagem recortada sobre outros fundos (ao invés de acrescentar elementos à imagem original), em tamanho pequeno ou médio, em especial nas laterais da figura, talvez como uma forma de permitir que se compreenda o contexto sobre o qual a imagem foi inserida.



Figuras 12 e 13. Exemplos de imagens em que a colagem ocorre por cima da foto original. No primeiro caso, há relação com o jogo Mario Kart (SNES), em que o personagem na nuvem indica que o jogador está trafegando na contramão (Créditos da montagem: Melissa Webster). No segundo caso, três personagens virais da internet que também aparecem em imagens remixadas foram acrescentados à cena: Happy Keanu, Happy DiCaprio e Bubble Girl (Montagem sem atribuição de fonte).

Assim, em termos gerais, o que se observa é que, a partir das remixagens, as imagens foram relacionadas em especial a outros produtos culturais (cenas de filme, cartazes de filme, jogos de videogame) e a outros acontecimentos (como no caso de acontecimentos temporalmente próximos, como o vazamento de fotos de Carolina Dieckmann, ou o transporte de um avião da Brigada Militar pelas ruas de Porto Alegre). Muitas vezes, a colagem ocorria sobre imagens que tinham relação de proximidade temática com o acontecimento original (como no caso de se dar com relação a filmes ou games relacionados a bicicletas ou a galinhas, ou sobre imagens de eventos de ciclismo, como o Tour de France).

Em todos os casos, notou-se uma preocupação em identificar o autor da montagem (seja na própria imagem, seja logo abaixo dela). Ainda que a imagem pudesse não conter legenda nenhuma para explicá-la, a atribuição de autoria da montagem estava bastante presente. Há um apagamento do autor original da imagem (NOBRE; NICOLAU, 2010) e de seu sentido inicial – passa a circular o prefeito na bicicleta, simbolicamente na contramão, em outros cenários culturais. A imagem do prefeito com a galinha também segue a mesma lógica.

As imagens foram recontextualizadas pelos interagentes, que as puseram em recirculação em novos contextos e com novas roupagens. Essa recontextualização pode ser inserida em um contexto de cibercultura remix. O sentido atribuído pelo espectador (AUMONT, 1993) foi tornado explícito através do remix. As criações podem ser entendidas como remixes, que atribuem novos sentidos à imagem, diferentes daqueles originalmente atribuídos pelos fotógrafos que originalmente captaram as imagens, indo além de uma mera colagem. O público acrescenta novas camadas de sentido, tanto à imagem quanto ao acontecimento como um todo.

A imagem do acontecimento recircula desprendida de seu contexto inicial, e, ao recircular, tem novos sentidos atribuídos pelos seus espectadores, que podem estar por dentro ou não do acontecimento principal que ensejou a montagem. Essas criações também suscitam questionamentos acerca da natureza desses tipos de imagens. O que são essas criações dos interagentes? É arte? É humor? É jornalismo? Ainda que partam de imagens jornalísticas, associadas a acontecimentos jornalísticos específicos, sua recirculação ocorre num contexto de humor, desprendido de seu sentido original.

Nos casos observados, as três forças da cibercultura remix (LEMOS, 2005) estão presentes. Há a liberação do polo da emissão – qualquer pessoa pode contribuir, e há inclusive pedidos explícitos de participação em pelo menos um dos Tumblr. A ação depende de conectividade – requer acesso à internet e ao computador, bem como depende de uma cultura de colaboração em rede. E há uma reconfiguração do produto midiático, na forma de uma reapropriação da imagem, atribuindo-lhe sentido de crítica ou de humor.

Enquanto na notícia original a imagem do prefeito na ciclovía da Avenida

¹⁸ Respectivamente, <http://happykeanu.tumblr.com>, <http://fuckyeahstruttingleo.tumblr.com/> e <http://www.uhull.com.br/12/28/as-40-melhores-montagens-da-bubble-girl/>

Ipiranga trazia um valor de representação (o prefeito sobre a ciclovia) e um valor simbólico (a ciclovia está inaugurada), na recirculação ela adquire também um valor de signo (o que recircula é o recorte do prefeito montado na bicicleta; apenas quem teve acesso à imagem original sabe que a cena representa o prefeito na contramão). No caso de Fortunati e a galinha, o valor simbólico de resgatar o animal adquire novos contornos quando a imagem do prefeito segurando a galinha passa a recircular em outros cenários.

Considerações finais

O trabalho procurou abordar a recirculação de imagens remixadas a partir da discussão de dois casos em que as imagens relacionadas a acontecimentos jornalísticos foram desprendidas de seu contexto original e coladas a outros contextos, em especial com o fim de produzir efeito de humor.

No caso da recirculação de imagens de humor, temos dois lados em tensão: de um lado, temos a imagem jornalística, e a necessidade de explicar e contextualizar os fatos. De outro, temos o *remix*, fruto de uma cultura de colaboração em rede baseada em valores diversos. A imagem resultante dessa combinação (a imagem jornalística remixada) reflete essa tensão, na medida em que procura se desprender de seu caráter jornalístico (ausência de legenda, descontextualização), ao mesmo tempo em que depende do acontecimento inicial para que se possa recuperar o sentido.

No contexto analisado, o *remix*, enquanto combinação de elementos culturais (BASTOS, 2007) e prática típica de um cenário de cibercultura (LEMONS, 2005), constitui uma forma de participação na recirculação jornalística. Essa participação do público é facilitada e propiciada pelas redes sociais na internet.

Além de a internet prover espaço para que mais imagens jornalísticas circulem, ela também abre caminho para que novas apropriações e recontextualizações tomem lugar. Também surge a necessidade de uma melhor sistematização e categorização dos dados criados, para que possam ser recuperados de forma contextualizada posteriormente.

O fato de o acontecimento jornalístico poder continuar a circular de outras formas após sua publicação inicial como notícia também traz implicações ao processo jornalístico como um todo. Nesse contexto, acompanhar o que é dito nas redes sobre as notícias (ou seja, acompanhar a recirculação dos acontecimentos) emerge como um novo papel para o jornalismo.

Muitas vezes, o próprio inusitado de um *remix* pode se transformar em um novo acontecimento, ao fugir da normalidade e adquirir visibilidade (RODRIGUES, 1996), fazendo com que a recirculação se transforme numa nova notícia, capaz de suscitar novos e inéditos desdobramentos.

Referências

- AUMONT, J. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- BASTOS, M. Remix como polifonia e agenciamentos coletivos. In: MARTINS, C.; SILVA, D.; MOTTA, R. (orgs). *Territórios Recombinantes: arte e tecnologia, debates e laboratórios*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 27-34.
- BERGER, C.; TAVARES, F. *Tipologias do acontecimento jornalístico*. In: VII ENCONTRO DA SBPJOR, 2009, São Paulo. Anais eletrônicos:... São Paulo, SP: SBPJor, 2009.
- BOYD, D. *Social Network Sites: Public, Private, or What?*. Knowledge Tree, n.13, maio 2007. Disponível em: http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28. Acesso em: 13 jul. 2010.
- GRUSZYNSKI, A.; LINDEMANN, C. A fotografia em Zero Hora e Zero-hora.com: Estratégias de apropriação de imagens nas edições em suporte impresso e digital. *Animus*, v.10, n.20, 2011, p.20-50.
- JOLY, M. *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- LEÃO, L. *O remix nos processos de criação de imagens e imaginários midiáticos*. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2012, Juiz de Fora. Anais eletrônicos:... Juiz de Fora, MG: Compós, 2012.
- LEMOS, A. *Ciber-Cultura-Remix*. In: SEMINÁRIO SENTIDOS E PROCESSOS, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- LEMOS, A. Apropriação, desvio e despesa improdutiva na cibercultura. *Revista Famecos*, v.1, n.15, 2001, p. 44-56.
- LESSIG, L. *Remix*. Londres: Bloomsbury, 2008.
- MACHADO, E.; PALACIOS, M. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007, p.199-222.
- MANCINI, P. *Hackear el Periodismo*. Buenos Aires: La Crujía, 2011.
- MANOVICH, L. *What comes after remix?*. Remix Theory, 2007. Disponível em: <http://remixtheory.net/?p=169/>. Acesso em: 25 jul. 2012.
- NOBRE, C.; NICOLAU, M. Remix no Ciberespaço: da perda da aura à diluição da autoria. *Culturas Midiáticas*, v.3, n.4, 2010.
- PRIMO, A. *Interação Mediada por Computador*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RIBEIRO, J. *As Imagens da Ciência*. BOCC, 1993 Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/ribeiro-jose-as-imagens-da-ciencia.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2012.

RODRIGUES, A.D. O Acontecimento. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: teorias, questões e histórias*. Lisboa: Veja Editora, 1996, p. 27-33.

RUSSELL, A. *Networked: a contemporary history of News in transition*. Cambridge: Polity Press, 2011.

SANTAELLA, L. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, T. *O Videoclipe Remix*. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos:... Rio de Janeiro, RJ: Intercom, 2005.

SILVA JR., J.A. Uma abordagem metodológica sobre a convergência digital e o fluxo de conteúdos no jornalismo contemporâneo. In: PALACIOS, M.; NOCI, J.D. (orgs). *Metodologia para o estudo dos cibermeios*. Salvador: EDUFBA, 2008, p.51-70.

ZAGO, G.S. *Recirculação Jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.